

PROTECA: nada surge por acaso!

Muitas vezes, a motivação de um projeto de extensão acontece por afinidade com um assunto; outras vezes, porque algo surge e - mesmo distante de seu cotidiano - provoca uma reação mobilizadora. Independente do impulso, o projeto de extensão existe para que se promova a interferência social e gere impactos positivos na vida da população. Essa é a narrativa de um projeto que conta com grandes parceiros - agregados por uma "vontade social" e competências - cujo objetivo é o de atuar junto às crianças e adolescentes, por meio de ações que os coloquem mais seguros em suas conexões digitais.

O projeto de extensão "Prevenção ao Aliciamento de Crianças e Adolescentes" - cujo nome simplificado é PROTECA - nasceu na Universidade Federal do Paraná (UFPR) como resultado de um e-mail que pedia ajuda diante de uma situação crítica, vivenciada pelo seu autor. De uma forma aguda, o assunto chamou a atenção pelo depoimento e por se entender que algo "distante", visto em reportagens eventuais, estava tão próximo de uma família e, certamente, de muitas outras.

O problema foi assumido e, após as devidas ações legais, veio a pergunta que mudou o rumo na vida desta professora: o que deveria ser feito a mais? Não era uma questão de papel de servidora pública, mas de uma cidadã. E havia mais que isso! Como agir de forma a prevenir crianças e adolescentes contra ciladas que poderiam expô-las em redes nacionais e internacionais, com impactos negativos em suas vidas? Então, surgiu o desenho de um projeto cujo tema iria exigir estudos e pesquisas para entendê-lo e mapear a sua arquitetura.

Foram muitos meses de reflexão, aprofundamento sobre notícias, muita angústia e, nessa cadência, a certeza de que era um caminho sem volta, sem parada e - reconhecidamente - necessário, adotando o caráter social que sustenta cada projeto de extensão. E assim foi lançado o PROTECA, no final de 2017.

Esse grande trabalho é orientado para o desenvolvimento de ações extensionistas que sejam direcionadas para as crianças e os adolescentes, cuja essência é mostrar para todos as formas seguras de se relacionarem nos meios tecnológicos, para garantia de suas integridades. Ou, de forma direta, mostrar a eles como agirem em suas redes de forma a evitar que sejam expostos aos crimes que, muitas vezes, não são percebidos e geram reflexos físicos e psicológicos que marcam suas vidas inteiras.

Pelo tema e pela dimensão, o requisito mais importante foi a composição intelectual formada por uma equipe multidisciplinar. Porém, a decisão foi e tem sido pautada em mais um item que os convidados passam a saber agora, por intermédio deste texto: cada integrante está no grupo por competência e por seus corações e sensibilidades em prol de um bem maior; isso faz com que cada dia seja o resultado de desafios cumpridos na certeza de que estamos juntos e colaborando - de alguma forma - com a integridade e a proteção de gerações. Logo, é muito mais que um projeto, é uma missão!

Para a sua execução e evolução, o PROTECA-UFPR conta com grandes e importantes parcerias institucionais, oficializadas por manifestações de interesse: UniBrasil Centro Universitário; Secretaria Municipal da Educação de Curitiba; Ministério Público do Estado do Paraná, por

AUTORA

Elenice Mara Matos Novak

Professora do departamento de Informática da UFPR e coordenadora do projeto de extensão "Prevenção ao Aliciamento de Crianças e Adolescentes" - PROTECA.

meio da primeira Promotoria de Infrações Penais contra Crianças, Adolescentes e Idosos; Ordem dos Advogados do Brasil – seção Paraná, por meio da Comissão da Criança e do Adolescente; Programa Dedicado; Instituto Tecnologia & Dignidade Humana; Projeto Teckids; Fundação de Ação Social de Curitiba; Associação das Empresas Brasileiras da Tecnologia da Informação (Assespro-Paraná); Polícia Federal e Polícia Científica, por convites feitos aos servidores públicos que atuam com o assunto e que podem contribuir com suas visões sobre ações preventivas.

Nesse grupo, profissionais de diversas áreas, professores e estudantes das instituições de ensino superior (UFPR e UniBrasil) agregam conhecimento, informações, produções, pesquisas e experiências, gerando enorme valor aos trabalhos desenvolvidos.

Como parte de todo o movimento, uma série de atividades têm sido executadas e avaliadas, compreendendo quais os caminhos mais eficientes para alcançar os grupos de crianças e adolescentes, sem limitações geográficas. Na evolução do projeto, muitas considerações foram sendo expostas, limites foram avaliados e riscos se apresentaram. Esse grande mapa foi importante para compreender que, mais que o crime, a falta ou falha de informações sobre ele e suas consequências se apresentaram como muito fortes e relevantes. Ou seja, qualquer conduta extensionista teve que ser avaliada nos aspectos jurídicos, de saúde física e psicológica da comunidade-alvo e estrutural (dentro da cultura e da gestão).

A compreensão foi estabelecida e mais uma dúvida surgiu: como chegar às crianças e aos adolescentes e orientá-los sobre formas e meios de segurança nas suas relações sociais, nos seus contatos e momentos de lazer sem que fiquem vulneráveis? Então, a resposta surgiu de forma clara e prática: as crianças e os jovens passam grande parte de seus tempos nas escolas; lá, eles compartilham sentimentos, contatos, dúvidas, angústias com seus amigos e, muitas vezes, com quem os acolhe: os professores e gestores escolares. Assim, o maior braço da prevenção estava definido: orientar, informar os professores e equipes sobre a tipologia de crimes digitais, legislações ligadas à proteção da infância e adolescência, princípios de garantia de integridade e caminhos a serem seguidos

diante da detecção de casos. Um ponto crítico que vale a pena mencionar: as escolas precisam preparar suas equipes para que tenham respostas daquilo que se mostra como conflito ou até dúvida sobre o procedimento correto.

O assunto é delicado e as revelações das crianças e jovens vêm por confiança e expectativa de orientação. Se não há resposta, agrava-se o problema justamente no espaço que pode acolher cada estudante. Escola é mais que um espaço de aula; é o *locus* no qual os estudantes também encontram suas referências para a vida. Logo, a melhor forma de chegar até eles - na construção de valores, segurança e nas mediações - é por meio de professores atentos, proativos e observadores daquilo que orbita no dia a dia dos alunos, nas suas manifestações individuais e em grupo. E esse foi o caminho adotado, em decisão de equipe, como parte da interferência positiva, caracterizada no projeto de extensão.

Convém destacar que o PROTECA não fecha seu ciclo de atividades na escola; há também outros compromissos acadêmicos que estão em seu arcabouço: estudos para alinhamento e atualização conceitual (tecnologias, plataformas, características de crimes); pesquisas (evolução de ocorrências, perfis); geração de conteúdos (livro digital, artigos); formação e consolidação de rede, para compartilhamento, integração e interação de todos os tipos de produção e experiências); palestras e apresentações de trabalhos nas comunidades internas e externas das IES; desenvolvimento de tecnologias para crianças. E, no tempo de pandemia, viabilizamos - junto com o UniBrasil - uma série de lives, com muita resposta junto às famílias e profissionais; tal ciclo de encontros tem se mostrado bem efetivo na disseminação dos assuntos ligados ao projeto, pela participação de grandes profissionais que colaboram com suas experiências e pela equipe técnica que viabiliza essas lives.

Assim, esse grande trabalho avança. Certamente, com muitos desafios e também com certezas de que o caminho não tem volta. Por se tratar de tema com muitos tabus, percebemos que a sociedade o coloca distante, como se não alcançasse facilmente as famílias. E os crimes evoluem, deixando um rastro de vítimas silenciosas que, nem sempre, revelam seus medos, problemas e buscam ajuda. Não há mais região, escolaridade, cultura, estrutura (ou falta dela) familiar, domínio, idade e tantas outras variáveis que apontam para um perfil do crime-criminoso-vítima. Essa é a triste realidade.

Logo, ao apontar para o objetivo maior do projeto, constrói-se um grande cenário de esperança, pois decidimos fazer um trabalho e enfrentar nossos “moinhos de vento” para ajudar quem não conhecemos. E nem precisamos conhecer. De recém nascidos até adolescentes: eles são nossas missões.

Meu agradecimento para toda a equipe e instituições parceiras.